

A Natureza engendrou o direito de comunidade, e foi a usurpação que produziu o direito de propriedade.
Santo Ambrosio

A PLEBE

O dragão que está á entrada do palacio anarquico nada tem de terrivel: é uma palavra apenas!
Eliée Reclus

Toda a correspondencia e valores ao administrador
CECILIO MARTINS

ENDEREÇO:

CAIXA POSTAL, 195 — S. PAULO
Séde: LADEIRA PORTO GERAL, 9

ASSINATURAS: An. . . 10\$000 Numero avulso
Semestre, 5\$000 100 réis
PACOTES: Cada 12 exemplares, 1\$000

A GRÉVE DE SANTOS NA COMPANHIA DOCAS

Arquivo "EDGARD LEUENROTH"
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
FL22 UNICAMP 1176

Desesperados com a firmeza dos trabalhadores, a Companhia Docas vale-se dos politikeiros e jornalistas avidos de popularidade, picaretas sem escrupulos

A conferencia do dia 18 entre a comissão operaria, Guilherme Guinle, Nilo Costa e Roberto Sandall, não passou de um "truc" que tinha por fim fazer fracassar a gréve

Ao "truc" da Companhia "Polvo" os operarios respondem que a gréve continuará até á vitoria final

Como de costume, o delegado Ibraim mentiu ao Tribunal de Justiça quando informou que Manoel Peres Tavira não estava preso — Que fará agora o servil Tribunal ao ser conhecida a mentira? Nada podemos afirmar...

Para os trabalhadores só ha uma lei: -- o seu braço

"A Plebe" recebe um telegrama da Federação Operaria de Porto Alegre, participando a chegada de mais companheiros deportados pela policia de Santos

As gazetas ao serviço da Companhia Docas, ha 23 dias que anunciam por suas colunas que a gréve da Docas está terminada e o trabalho em todo o caes normalizado.

Por outro lado, essas mesmas gazetas publicam protestos do comercio que está sendo grandemente prejudicado com a falta das mercadorias que estão a bordo dos navios, quando já deviam estar sendo consumidas, mormente nesta época do ano em que os trasatlânticos vêm carregados de frutas e viveres de facil deterioração, destinados ás festas do natal e ano novo.

Os diretores da Companhia Docas em vez de atender ás reclamações de seus operarios, reclamações justissimas, procurou desde o primeiro dia de gréve, vencer os trabalhadores da maneira mais brutal e deshumana; primeiro negando-se a reconhecer a firma dos officios que lhes foram enviadas, depois apregoando que o trabalho estava normalizado, ao mesmo tempo que os policiaes obrigavam os trabalhadores a retomar-o para não serem presos.

Outra arma da Companhia foi a ameaça feita aos trabalhadores de depositar num banco publico o valor dos ordenados de cada operario passando estes a considerarse despedidos do serviço.

A todos estes manejos os operarios responderam com a firmeza admiravel de que nestes 23 dias têm dado as maiores provas.

O ultimo cartucho dos senhores da Docas foi chamar no dia 18

uma comissão de operarios, comissão esta que foi convidada por intermedio do politico Dr. Nilo Costa que procurou o Comité Central de gréve dizendo que a Companhia estava disposta a entrar em acordo, aceitando as condições apresentadas pelos grevistas. Por duas vezes o comité recusou tal proposta para, afinal, aceitar-a ao terceiro convite, sómente no intuito de provar ao publico que a responsabilidade desta situação difícil, cabe unicamente á Companhia Docas.

Para fazer uma ideia da forma miseravel pela qual se pretende vencer os trabalhadores, basta o facto de serem contratados os crumiros que estão trabalhando pela diaria de 12\$, quando o que os grevistas pleiteam não chega a 8\$.

E' a escravidão imposta, valendo-se os escravocratas da honestidade dos trabalhadores e da falta de carater de individuos degenerados, desclassificados, sem moral, nem sentimentos de sociabilidade, verdadeiros crétinos — aberração da especie. — São estes os aliados da poderosa Companhia, na luta contra os trabalhadores; outros aliados ha ainda, menos poderosos mas não menos malvados: são os politicos e jornalistas, sempre prontos a servir de intermediarios, com o proposito declarado de auxiliar os poderosos contra os trabalhadores.

VIOLENCIAS, POLICIAIS

Declarada uma gréve na Companhia Docas, a população santista considera-se em estado de

Sempre acorrentados



Quando os operarios procuram livrar-se do laço que as convenções sociais lhe impõem, escravizando-os e degradando-os, nesta democracia curvada, lança-se operarios nas ruas para obrigá-los a trabalhar!
Hoje, como antes do decantado 13 de Maio, uns são obrigados a trabalhar para os outros. E assim continuará até que os operarios, rompendo todos os laços desta sociedade, proclamem uma sociedade nova que assegure a paz e a justiça a todos os homens — a anarquia

sitio. As ruas são teatro das mais barbaras façanhas policiaes, os domicilios ficam ao arbitrio de um doido que se chama Ibraim, as cenas mais revoltantes praticam-se impunemente com o deliberado proposito de vencer os trabalhadores.

Os carceres são pequenos para conter os trabalhadores presos contra as disposições legais.

Os «habeas-corpus», principio altamente liberal e que teoricamente pretende pôr os individuos a salvo das costumeiras e seculares violencias de todas as autoridades, é burlado da maneira mais escan-

dalosa. Os operarios são presos e as suas prisões são provadas com testemunhos insosfimaveis, requer-se «habeas-corpus» em favor dos presos e o Tribunal, em vez de fazer cessar imediatamente as violencias, pede irrisorias informações ao delegado carrasco, que, fatalmente, informa que a vitima não se acha presa.

Esta é a historia de todos os movimentos grevistas, mormente em Santos, onde ha uma Companhia disposta a gastar milhares de contos para vencer os escravos, e um delegado «melindroso» arbitrario e sem escrupulos, capaz

de todas as baixezas, só para ser presenteado com automoveis.

Estamos num paiz de selvagens; ninguém ousará contestar esta afirmativa. O fato de operarios estarem sendo laçados e obrigados a trabalhar clama bem alto, e esse fato revoltante será mais uma pagina negra para a historia do regimen capitalista!

A mentira policial

Quando foi requerido «habeas-corpus» a favor de vinte e um trabalhadores da Companhia Docas, de antemão sabíamos que o mesmo seria negado, porque as informações policiaes diriam ao tribunal que tais individuos não estavam presos e bem sabemos que o tribunal aceitará a informação mentirosa, não porque a julgasse verdadeira, mas sim porque o tribunal também é um dos tentáculos da empresa-polvo.

Assim aconteceu. O Ibraim mentiu e o tribunal fingiu acreditar como um crétino. Ante a solução juridica dada ao desaparecimento de entes queridos, mãis, irmãos, pais, noivas e amigos: procuravam os seus nios dominios policiaes.

Entre os camaradas presos estava o de nome Manoel Peres Tavira. Sua mãe e seus irmãos, no desespero da sua dor, procuraram aproximar-se dos carceres, afim de desmascararem a mentira policial. Isto foi conseguido do modo seguinte, como refere o «Commercio de Santos», do dia 19 do corrente, cuja noticia reputamos insuspeita:

AEL/IFCH/UNICAMP

A GRÉVE DE SANTOS

NA COMPANHIA DOCAS

Arquivo "EDGARD LEUENROTH"
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
CL/23 UNICAMP 11/76

Aumentam de dia para dia as violencias policiais

Ao arbitrio policial o operariado Santista ameaça responder com a greve geral

O Comité da greve escreve-nos dando-nos autorização de desmentirmos que a Companhia haja tentado entrar em acôrdo, como velhacamente se tem propalado.

Quinta-feira aparecerá um numero especial d' "A Plebe"

Nada ha que justifique as arbitrariedades cometidas pela policia santista contra inefesos trabalhadores que, não podendo suportar por mais tempo as condições de miséria a que foram reduzidos lançaram-se em uma greve que dura ha 19 dias e continua enquanto a poderosa Companhia não atender ás justas reclamações de seus operários.

VIOLENCIAS POLICIAIS

Contrastando com a attude pacifica do operariado que se mantém numa calma pouco justificavel, a autoridade policial, pondo-se ao serviço da grande Companhia, pratica as mais infames violencias. A inviolabilidade do domicilio é uma mentira, a liberdade de imprensa cede o lugar ao caete dos policiaes acapangados, o direito de greve é uma mentira.

No nosso numero anterior estigmatizavamos o procedimento canibalisco das autoridades, que contra todas as disposições legais, e contra todos os principios de humanidade, tem assaltado casas de operarios, prendendo e espancando aos que não sao do agrado do cheiroso Ibralm.

Hoje podemos afirmar com pleno conhecimento do que dizemos que, não só os operarios são arrancados de suas casas e obrigados a trabalhar debaixo de chicote como tambem que a cançanha policial, tem feito uso de laços, dos usados para laçar bois, conseguindo por esse processo degradante prender um consideravel numero de camaradas, muitos dos quais não se sabe onde estão segregados, nem que a favor de inumeros deles já foi requerido "habeas corpus" e a policia informou não estarem presos.

Entre estes camaradas podemos citar o camarada Manoel Peres Távira. Talvez por divergencias politicas todos os jornais de Santos com exceção do "A Tribuna", têm atacado com energia as barbaridades policiaes. Pois isto bastou para que Ibralm "pomada", reunisse o seu exercito de capadocios e os mandasse guardar as portas das redações dos jornais, notadamente da "Gazeta" e do "Comercio de Santos", espancando os vendedores e as pessoas que os pretendem comprar.

Esta é a solução que o governo procura dar ao conflito que perturba a vida da vizinha cidade e cujos efeitos dentro de poucos dias far-se-lo sentir em todo o Estado.

Como é natural, as violencias policiaes, longe de acobardar os trabalhadores, só serviram para estimulá-los, convencendo a todos e a cada um de que além do capitalismo explorador os operarios devem contar com o inimigo policial.

SILENCIO SUSPEITO

Os jornais burguezes de S. Paulo e Rio com pequenissimas exceções, são jornais alagados ao capitalismo e aos governantes. Os outros os que são oposicionistas, os que de algum modo gozam a relativa independencia comum aos jornalistas, todos eles enchem colunas e algumas paginas inteiras dando-nos noticias dos acontecimentos resultantes da pendencia entre os trabalhadores e a Companhia Docas.

Como por encanto, desde quinta-feira passada, os matutinos e vespertinos, deixaram de dar-nos informações da grande greve.

Porque este silencio? Não sabemos. As noticias que diretamente nos chegam dizem-nos que a greve não sofreu modificação alguma.

Os crumulos que a Companhia conseguiu trazer do Rio, bem como outros elementos recrutados nas sarjetas da cidade ou simplesmente agarrados nos seus proprios domicilios, aproveitando os descuidos dos policiaes, fogem para lugares ignorados da policia e seus capangas.

A unica modificação é a que consistiu no fato de a policia ter redobrado as violencias, o que em nada abalou a firmeza dos grevistas.

E assim se justifica o silencio da imprensa diaria que desta maneira quer nos compreender que tudo está acabado.

SOLIDARIEDADE OPERARIA

Inumeras provas de solidariedade foram dadas aos operarios da Docas por todo o operariado organizado.

E não são apenas os trabalhadores de

todos os que se estão interessando pelo movimento grevista da Companhia Docas, de todos os Estados o comité central de defesa da greve tem recebido cartas de solidariedade, contendo expressões animadoras.

A União Geral dos Trabalhadores manifesta solidariedade aos grevistas

Conforme estava anunciado, realizou-se hontem uma assembleia do conselho geral e da comissão federal do organismo federativo das classes trabalhadoras desta capital, convocada especialmente para tratar dos acontecimentos ultimamente desenvolvidos na vizinha cidade maritima.

Após iniciados os trabalhos, foi dada a palavra a um trabalhador vindo de Santos especialmente para pôr o proletariado paulista ao par da situação em que se encontram os que naquela cidade se recusam a continuar o enriquecimento dos diretores e acionistas da Companhia Docas, e, cruzando os braços, preferem sofrer privações e violencias de toda a natureza a trabalhar por um salario mesquinho, com que não podem satisfazer as mais elementares necessidades da vida.

Este trabalhador relatou então os atos arbitrarios e prepotentes praticados pela policia de Santos contra os trabalhadores, no sentido de os obrigar a renderem-se á "empresa-polvo". Os carcerees estão cheios de honestos proletarios, não obstante a attude pacifica em que estes se têm mantido durante a greve, e de não saírem de seus lares. Apesar desta ultima resolução, nada garante a operario algum o estar livre de ir parar de uma hora para outra a um calabouço, pois a policia, irritada pela attude pacifica dos grevistas, vai arrancá-los ás suas proprias familias.

Ainda hontem um automovel-caminhão do corpo de bombeiros, em que iam oito soldados e varios agentes, percorreu o bairro do Campo Grande, voltando depois atulhado de infelizes japonezes encontrados pacatamente em suas casas, e a quem a policia apresentou este dilema: trabalho ou cadeia.

Mas todas as medidas tomadas no sentido de normalizar os serviços da Companhia têm sido inuteis, porque estes operarios, assim obrigados a trabalhar acompanhados por forças de armas embaçadas, apenas podem abandonar o trabalho aproveitando para isso qualquer ocasião que se lhe apresente.

O mesmo trabalhador relatou ainda serem inteiramente falsas, e publicadas por alguns jornais apenas para favorecerem a Companhia, as noticias de que já está trabalhando grande numero de operarios. Peló motivo acima, o numero de homens de que a Companhia dispõe é limitado, não ultrapassando de cem, a maior parte dos quais são ladrões e vagabundos pegados pela policia do Rio de Janeiro e por ela enviados para Santos.

Disse ainda que têm sido recebidas cartas de mais de 40 trabalhadores, cujo pauliceiro se ignorava, participando encontrarem-se no Rio Grande do Sul, para onde foram desterrados pela policia.

Terminou esse trabalhador as suas informações declarando ser inequebrantavel fé dos grevistas, na victoria, e que estão dispostos a não voltar ao trabalho enquanto não forem satisfeitas todas as suas reclamações.

A seguir falaram muitos dos presentes manifestando a sua inteira solidariedade aos trabalhadores santistas.

Foi resolvido que a União Geral dos Trabalhadores distribua listas entre o proletariado desta capital, afim de serem auxiliados os grevistas, determinando-se tambem a confecção de boletins apelando para todos os trabalhadores, para que não se alquem os seus companheiros, indo trabalhar na Companhia Docas.

Resolveu-se tambem impetrar um "habeas-corpus" a favor de Luiz Antonio, que foi preso pela policia desta capital, quando ha dias aqui desembarcava.

Por fim assentaram-se dindá varias outras medidas tendentes á auxiliar os trabalhadores em luta com a Companhia Docas.

Como o "Jornal do Comercio" de Santos se refere ás violencias policiaes

A attidura policial sob a qual vivemos não só de tal maneira prodiga em violencias, em arbitrariedades, em fatos de brutalidade, que a imprensa só pôde noti-

clar aqueles que mais indignação provocam no publico. Milhares de outros, de menor importancia por aí se registam a cada passo, sem que os jornais tenham tempo e espaço suficientes para denunciá-los.

Esta facanha, cuja autenticidade garantimos, é suficiente para desmoralizar uma época e uma geração de autoridades.

Hontem de madrugada a policia levou a efeito uma diligencia original no Campo Grande.

Cerca de cinco horas, um grupo de secretas, acompanhados de soldados, percorreu aquele bairro, batendo de porta em porta.

Naturalmente quem os atendia eram os chefes da familia. Apenas aberta a porta, os secretas encostavam, o revolver no peito do dono da casa e diziam-lhe: — Toca para o serviço! — E com palavrões sujos e bofetadas conduziam-no já estavados, reunindo-os a outros, que já estavam num quadrado, entre carabinas embaçadas.

Esses homens, em numero de quarenta, foram conduzidos para o armazem n. 1, onde, sempre sob a pressão das carabinas embaçadas, tiveram de trabalhar o dia inteiro.

Nem todos eram empregados da Docas. Mas a policia não quer saber desses detalhes insignificantes. O que ela quer é justificar o ridiculo aparato belico de que se cercou, e bem servir os interesses partculares das autoridades, que já estão precucando de outros automoveis.

Subscrição aberta pela "A Plebe", em favor dos grevistas de Santos

Atendendo ao nosso apelo em favor dos grevistas de Santos, procurou-nos o companheiro S. Z. que nos entregou 10\$000.

Nota — Continua aberta esta subscrição, estando as importancias publicadas, desde já, á disposição do primeiro comité central da greve.

Os presos

Os operarios que a policia prendeu nas ruas batidas aos bairros operarios, como Campo Grande e Vila Macuco e ainda aqueles que foram presos nas ruas da cidade, todos foram intimados a trabalhar na Companhia Docas, sendo que alguns, os mais fracos de espirito, mesmo contra a sua vontade foram levados ao caes e aí obrigados a trabalhar. Aquellos que com energia e dignidade repeliram a proposta infame, chamam-se encarcerados, nos poços policiaes, onde não ha quem descubra os infelizes a quem a furia de um delegado infame levou a perseguir até o ponto de negar a sua prisão ao Tribunal de Justiça, composto por desfilbrados que acenam a deslavada mentira policial, apenas porque está em jogo a liberdade de infelizes trabalhadores!

Sabemos que os presos para quem o Sr. Heitor de Moraes requerer "habeas corpus" continuam presos, uns em Vila Matias, outros no Cubatão e ainda outros no Cururú, os mais felizes foram mandados conforme notificamos em numerosos passados, deportados para o Sul, onde os espera a maior miséria, se por ventura a solidariedade dos camaradas do Sul não os socorrer.

Temos informações seguras de que pelo "Itassucé" foram deportados tres trabalhadores; sabemos tambem que outros foram embarcados no "Itajubá".

Quando, em numerosos anteriores, javamos a noticia vergonhosa de que a policia do Ibralm estava prendendo operarios a laço, naturalmente julgaram os nossos leitores que estavam exagerando.

Corroborando, porém, o que então dissevamos, transcrevemos hoje do "Comercio de Santos", jornal insuspeito, a seguinte nota:

No mercado — Laçando homens — A revoltante cena oferecida pela policia hontem no Mercado enche-nos de vergonha: homens pacificos eram presos por policiaes fardados e a pássana mas presos a laço como cachorros, rebaidados na sua dignidade humana, humilhação que reflete sobre todos os homens de consciencia e coração.

Apesar de todas as perseguições e violencias, o movimento continúa cada vez mais firme.

Depois de 18 dias de greve os operarios,

continuum comb'ho primeiro dia, firmes em suas reivindicações, e a Companhia que dizia ao principio que não os atenderia por desconhecer a autenticidade dos reclamantes, agora não se conveceu de que os seus operarios estão mal contentes.

Um boletim do Comité Central da Greve

"TRABALHADORES DA DOCAS!" — Continuemos sempre firmes! — Companheiros!!! É preciso a maior firmeza, de nossa parte para resistir-nos, ao ultimo sobrite de nossos verdugos. Por toda a parte os gritos de protesto ecoam, contra a Rainha do ouro e dos bandidos da Companhia Docas de Santos! A solidariedade dos trabalhadores de todo o Brasil é sem rival. O operariado da Capital da Republica, já levantou bem alto o seu grito de revolta em nossa defesa, e quem sabe a estas horas o que lá se está passando. O operariado de S. Paulo já se principia a agitar contra tamanhos horrores cometidos pela policia, contra nós trabalhadores; as perseguições, os assaltos á meia noite a casas de nossos companheiros, pelos esbirros policiaes, aterrorizando mulheres e associando crianças. É uma das mais horricas situações até hoje aparecidas! Os gendarmes estão nos desafiando e nós estamos prontos para aceitar o desafio. Preparavos, companheiros! Armae-vos de qualquer maneira, para conquistarmos o direito que nos pertence. É preciso acabar de uma vez para sempre com as infames e brutaldades contra nos cometidas pelos barbaros que pretendem nos escravizar.

É vos negociantes e comerciantes, porque não daes o vosso GRITO DE PROTESTO, contra tamanhas selvagerias que a mando d'uma poderosa exploradora Companhia, que aufer fortuna colossal, ganha á custa de nós os trabalhadores, que tão covardemente manda nos martirizar e cometer contra nós todos os desfeitos, dos mais relevantes crimes, até hoje nunca cometidos. Que crime nós cometemos para assim sermos brutalmente espancados. Algumas vezes nós temos faltado ao respeito das leis do país? Não os trabalhadores da Docas, não seremos todos honrados pais de familias na maior parte e todos cumpridores de nossos deveres?

Já chega, já é demais, a classe parassitaria, julga que só o dinheiro é que vale para fazerem tudo o que eles bem entendem, porém enganam-se porque não o valor está em nossos braços e á hora que nos os cruzamos e que não produzimos mais para ladrões, vocês parassitas, se não quiserem morrer de fome há de trabalhar, há de ir a carregar sacos como nós temos andado e depois vão ver quanto é gostoso, passando como nós temos passado, com um simples feijão e arroz, bem mal temperado em gordura. Que dia feliz para nós os trabalhadores quando nos vemos libertos do jugo opressor, já não está longe, estamos nem principio de revolta, os dias estão contados. E estas humildades trabalhadores, a quem vos julgaes como cordeiros que são os carneiros.

Vereis eles transformados em verdadeiros leões de grande valor lançando-nos com tanta valentia contra vós e tirarem em vossas carnes, todas as vinganças do que contra nós tendes cometido. Companheiros da Docas continuemos firmes, e de prontidão, nem um de nós, faça caso de chamado algum da Companhia, nem tão pouco dos vagabundões que ela manda vir, a metade já foram emboira, e os que aí estão já se revoltaram, mas como estão cercados pelos esbirros de carabinas na mão, são obrigados a continuar por algumas horas mais. Sejamos firmes companheiros, como até aqui, que violada está nas nossas mãos. Abaixo os barbaros! Viva o homem livre sobre a terra.

Tudo o trabalhador deve boicotar o jornal "A Tribuna". — O Comité Central de Defesa da Greve.

Energica demonstração de solidariedade

Em sinal de protesto contra as barbaridades policiaes, e para deixar de modo insofismavel, provadas as simpatias de todas as classes trabalhadoras pela greve dos operarios da Companhia Docas, reunião de varias associações foi aprovada enviar um memorial á superintendencia da Companhia Docas, protestando contra a deshumanidade da policia e contra a teimosia da Companhia.

Nesse memorial, as classes trabalhadoras organizadas ameaçam declarar-se em greve geral segunda-feira caso até essa dia a Companhia não tenha atendido ás justas reclamações de seus trabalhadores.

Quinta-feira daremos noticias detalhadas sobre o novo aspecto que o movimento ameaça tomar, publicando para esse fim um numero especial de "A Plebe".

Mancei Perdigo e Francisco Ferreira

Após um ano e 2 meses precisos de amargurado exilio, acaba de regressar ao torrão natal o nosso companheiro Manoel Perdigo.

Deportado para a Hespanha, em consequencia do decreto do ministro da Justiça, decreto solicitado por um delegado parnostico, violento, prevarificador e deshumano que teve a satisfazer os seus caprichos neronianos a complacencia e a falta de escrúpulos de um ministro não menos deshumano Perdigo, apesar de brasileiro nato, sofreu no exilio toda a sorte de vilipendios e arbitrariedades.

Emquanto a maquina judiciaria roncamente disponha-se á tomar conhecimento desta monstruosidade, que resultou do primeiro exame do observador, o tempo foi passando e só depois de um ano e dois meses viu o Supremo Tribunal Federal a reconhecer a ilegalidade cometida, concedendo "habeas corpus" ao nosso camarada e mandando repatriá-lo a Vigo, onde estava recolhido a um carcere como vulgar criminoso.

Outro camarada, que pelo mesmo crime foi companhiado a Perdigo durante estes últimos 14 meses, foi Francisco Ferreira, também agora repatriado, mesmo sem "habeas corpus". Francisco Ferreira reside no Brazil ha 26 anos, tendo aqui chegado com a idade de um ano, residindo em Santos até a idade de 20-anos, embarcando nessa época (1914) para o Rio de Janeiro de onde não saiu mais até que a brutalidade policial o fez embarcar com destino á Europa.

De passagem para Santos, Perdigo visitou-nos e prometeu-nos mandar para "A Plebe" notas curiosas sobre a sua expulso e do movimento revolucionário em Hespanha.

Aos dois camaradas damos os nossos fraternais abraços de boas vindas.

Folheto de Atualidade

Quem não trabalha não come

Acha-se á venda este interessante folheto do nosso camarada Adelino de Pinho. Quem não trabalha não come esgotou em poucos dias a sua primeira edição, tal foi o interesse que despertou nos meios operarios e libertarios.

Ao Centro Juventude do Futuro, que o editou, o camarada A. de Pinho, acaba de enviar mais um capitulo que será publicado na segunda edição: que aparecerá por estes dias.

Os pedidos devem ser feitos a Cecilio Martins, caixa 195, podendo as respectivas importancias ser enviadas em vales postaes ou em selos do correio.

AEL/IFCH/UNICAMP 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53

MOVIMENTO OPERARIO

LIGA OPERARIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Realiza-se na próxima segunda-feira, 20 do corrente, ás 8 horas da noite, uma reunião do Conselho Geral das Classes da Construção Civil.

Na próxima terça-feira, ás 8 horas da noite reúne-se o pessoal das seguintes casas: Laverias, Floravante, Pasquini e Paschoa Bianco.

O SECRETARIO.

UNIAO DOS EMPREGADOS EM CAFES

Realiza-se, no dia 23 do corrente, ás 7 1/2 horas da noite, na sede desta União, uma sessão solene para comemorar o primeiro aniversario da sua fundação.

UNIAO DOS A. EM CALÇADOS

Continuam em greve os operarios da Casa Rocha. Após 52 dias de luta os operarios se mostram sempre dispostos a continuar no mesmo proposito em que estavam nos primeiros dias da luta, de não retomarem o trabalho enquanto não forem atendidos nos seus justos pedidos.

Na lista dos traidores se destacam Domingos Garofalo, Alexandre Giusti, José Palermo, o mestre Guido, o ex-agente Demétrio Scarpelli, Luiz Galdi, Antonio Galdi, Rafael Galdi.

A despeito, porém, da ação infame desses traidores, furando a greve, a casa não pôde funcionar por falta de pessoal habilitado.

Apontamos ao desprezo publico os nomes desses traidores.

Domingo, 21 ás 9 horas da manhã realiza-se a uma assebleia geral.

Convida-se todos os operarios da categoria para esta, como sejam: Luiz XV, saito de sola, montador e acabador, para a grande reunião que se realizará segunda-feira, 20, no salão Bliou, a avenida Celso Garcia, 103.

Esperamos que todos salubem bem cumprir os seus deveres de operarios conscientes, comparecendo a grande reunião.

A COMISSÃO.

UNIAO DOS OPERARIOS METALURGICOS

Convida-se a classe em geral para que compareça na assebleia geral que se realizará na próxima quinta-feira, 23 do corrente, ás 10 horas em nossa sede social, rua Senador Queiroz, 70.

Os assuntos a tratar são de grande importância relativa ao momento atual, devendo também se efetuar o sorteio de apólices. Apelamos para que nenhum companheiro, socio ou não socio, deixe de comparecer.

A COMISSÃO EXECUTIVA.

Adeus á Terra Natal

Como o passaro cativo que um dia quebrou as grades da prisão e partiu pelo infinito em hora, como barco moço cansado de estar encolado em praia quieta e anclada, viagens heroicas, das navegações perigosas, parti um dia de teu lado, adeus, adeus, desejando de novos mundos que pudessem compreender toda a imensidade da minha alma.

Parti como aeronave presa á terra mas que, depois de tanto forçar e sofrer mil embates dos vendavais (que despedaçaram as cordas) — vôou pelo Azul eterno e insondável.

Diante do crepusculo incomparavel em que, escrevo estas linhas, diante desses ondas que vão e vêm, frente a frente ás máretas, aos macarões, aos vagalhões, diga sinceramente que não sei se devo ter saudades de ti — porque és minha Mãe, ou se deva ter odio e horror — pelo muito que me fizeste sofrer!

Mãe cruel! Mãe-verdugo! Vais-te apagando, desaparecendo na linha do horizonte. Agora não és mais que um ponto, vago, indefinível, pequenino. Sim, pequenino como a tua alma!

Adeus, Adeus... para sempre. Adeus até á morte... por toda a eternidade das Eternidades...

Vou foragido como um criminoso, fugindo ao teu odio mesquinho e estúpido, ó minha Mãe!

Exilado, evadido... A secura emotiva de tua alma, a aridez de teu coração empederado, obriga-me a gritar para terras estranhas e longínquas.

Esta minha alma — avivota aventureira, alçaravão dominador dos mares misteriosos e distantes — confessa, nesta hora sagrada do crepusculo, diante da imagem divina do Cristo-Sol, dolorido Senhor do Mundo, das Alturas, confessa que se sente feliz por ficado livre de ti, minha terra... que libertada... que sempre pagaste meus beijos de amor com escarros de odio e hostilidades de futuridade.

No entanto, eu que te deveria odiar, renegar, ainda te amo, patria minha, ainda te amo.

É para sempre meu corpo viver contigo, gozando de tua vida, não se aparta de teu seio, levo contigo ao lado de uma das tuas pernas, minha mãe — um pedaço de teu corpo, uma partícula de teu ser, um fragmento de teu espírito que arrastarei de um lado ao outro da existência.

Terra! Minha mãe! Minha mãe! meu corpo não se aparta de teu seio, levo contigo ao lado de uma das tuas pernas, minha mãe — um pedaço de teu corpo, uma partícula de teu ser, um fragmento de teu espírito que arrastarei de um lado ao outro da existência.

Tenho de interromper estas linhas... uma crise nervosa...

Retiro-me para não ouvir mais os insultos que ouvirei para não sofrer mais as vergonhas por que passei.

O Despedimento.

Não quero, Mãe, que me digam no rosto eu ser um elemento perigoso no seio de minha terra, mas sempre serei com

um amor tão grande e tão insondavel como ainda não houve outro.

Adeus... adeus... adeus... Como aza poderosa de fregata aquila abandonou o ninho para ir rasgar os ares oceanicos, onde talvez se perca, assim vou eu.

Agora, surge a noite, dolorosa irmã da minha alma. Um luar balsamico desce das alturas.

Como albatroz perdido no mar não mais não mar, assim vai minha alma.

Vai, não posso dormir. Não me vem o sono. Vôo. A tempestade cerebral é imensa. O estomago, horrivel. Vomito a agua que bebi. O antes vomitasse a alma!

Não dormi.

No mais alto tombadilho, assisto ao amanhecer.

Meu fado é como o destino incerto dessa nau em que levo as minhas esperanças.

Que farei fazer?

Metido entre duas imensidades, entre dois abismos, rompido com uma parte da minha familia, tendo inimigos não só no porto de embarque, mas também no de desembarque, naquele para onde sigo e onde talvez não consiga saltar, que farei? Vou como essa nave — doido, incerto, indeciso.

O Mar, não és monótono, como me diziam; agrada-me essa tua eterna mobilidade, essa paisagem sem antepeços, esse plano verde-azulado. Somos, irmãos.

Minha alma de dissonada exulante vai voando... voando... agora um pouco mais calma.

O' sofrí de sobre!

E se o meu amor, se a minha saudade, não me fizer um dia tornar ao teu seio, minha terra, não voltarei já mais!

18-19 de maio de 1919, foragido a bordo do Itapura, em plenas aguas atlânticas.

OTAVIO BRÁNDÃO.

RECADOS PLEBEUS

Rocha — (Rio) — Recibi a encomenda. Espero com urgencia o preço do folheto.

Manda-me o "Cancioneiro".

José Antunes — (Rio) — Espero que me mandes os 4 talões do festival da "A Vanguarda", e o cobre dos folhetos para que eu possa prestar contas a Caetano Scaglione.

Severino — (Rio) — Recibi a tua. Os folhetos que não venderes, devees devolver-me com brevidade.

Oiticica — (Rio) — Espero resposta do meu pedido. Caso não tenha tempo manda-me o original.

A. M. Garcia — (Franca) — E' favor lembrar-se de nós. Escreva porque não sabemos se está recebendo "A Plebe".

Paulo Pereira — (Albuquerque Lins) — Recibi a importancia dos folhetos e mais uma assinatura semestral d'"A Plebe".

Por estes dias mandarei alguns folhetos novos.

Pinho — (Petropolis) — Ainda não mandei os jornais que me pediste porque não tenho tido tempo, desculpa-me. Logo que possa serás atendido. Escreva sempre.

Carrião — (Inacio Uchoá) — Esta semana mandarei o teu pedido de folhetos e livros.

Em prol de Edgard Leuenroth

Na ultima reunião do Comité Pró-Edgard Leuenroth, foi participado que o grupo editor "Neno Vasco" vai realizar no fim do proximo mez de janeiro um festival, que terá lugar no Theatro Colombo, cujo produto o destina para auxiliar o ex-editor d'"A Plebe".

Afim de poder auxiliar eficazmente, não só esta, como todas as iniciativas que sejam tomadas para o mesmo fim, o Comité Pró-Edgard Leuenroth resolveu officiar a todas as associações proletarias desta capital, pedindo a nomeação de um membro de cada uma delas para fazer parte do comité.

FOLHETO DE ATUALIDADE

Recomendado especialmente aos anarquistas

MAXIMALISMO E ANARQUISMO

Com o titulo maximalismo e anarquismo, acaba de aparecer um folheto de 61 paginas, do camarada José T. Lorenzo, neste folheto encontraremos um estudo clarissimo das doutrinas maximalistas e anarquistas.

Neste estudo o autor transcreve XXXIV artigos principais da Republica russa dos sovietes, dando a todos resposta do que fariam os anarquistas, para regular as mesmas relações, em regimem anarquista.

Recomendamos a todos a leitura deste folheto.

Os pedidos podem ser feitos a Cécilio Martins, ladeira Porto Geral, n. 9.

Acceptam-se pedidos pelo correio, devendo as importancias vir em selos, custando o mais o valor do porte.

A PALAVRA

Esse dom maravilhoso, apaganço do "homem sapiens", tem a sua origem envolta em misterio, apesar dos esforços dignificadores dos eruditos no intuito de desvendá-lo.

Esse dom que caracteriza o homem arripotente como teve sua origem? Quaes as conjaturas dos sabios a esse respeito? Qual a primeira palavra articulada pelo homem em face da natureza que o deslumbrava, aterrorizando-o do mesmo passo pela furia dos elementos em dissidio? Como conseguiu ele fazer que seus pares o compreendessem quando queria significar o ruido do trovão que rojava e das aguas cantantes no amago das florestas lenhas? Como conseguiu exprimir esse mundo de sensações turbilhonantes ante os aspectos variegados da natureza, sua imaginação embrionaria modelando o ente superior, principio dos elementos em furia?

A essas perguntas respondem teorias multipias, aduzindo em defesa de suas eses considerações de ordem varia.

Quer tenha tido o homem seu berço no "Airy vaejja" (monogenismo), quer tenha surgido em diversas regiões da terra (polygenismo), deve ter seguido na evolução da linguagem a mesma espiral observada no desenvolvimento da expressã falada da creança.

Quizeram seguir na creança o desenvolvimento progressivo, hesitante e não obstante, prodigioso da expressã falada. Observaram-se os hábitos dos animais, a natureza de seus chamamentos, o caracter de seus gritos especiais, proprios para exprimir instintivamente o terror, a alegria, o amor, a angustia, a surpresa. Nossas intuições são, certo, sua atavica permanencia; mas tudo o que a linguagem contém de voluntario e aparentemente convencional, tudo o que diferencia a palavra humana do grito animal, isto permanece quasi impenetravel em sua genesse — são essas palavras de Lebesgue no livro intitulado "L'au delà des Grammaires".

Segundo Whitney, a origem da linguagem é a interjeição. Herder considera a origem da palavra onomatopáica e Max Müller o Bunsen acreditam na revelação. Adepto da invenção humana da palavra, M. Damiron diz que os homens, certo, não nasceram com o dom miraculoso da palavra, mas com a facultade de falar e de entender-se. A natureza nos ensina o instinto imitativo, aliado á analogia, deus o apaganço característico.

Renan diz que o homem tem a facultade da interpretação como da audição e a da vista; que nele a palavra é natural.

Os defensores da origem divina da palavra, examinam-na a luzes de ordem historica, moral e psicologica.

Mas, como se teriam diversificado as linguas, se foi um só o berço da humanidade? E' que as circumstancias de clima, novas necessidades, novas ideias e de outros como agentes de diversificação.

Do planalto de Pamir, na Asia, por uma necessidade de expansão, os Arianos se espalharam pelas diversas partes do globo, originando, plos caminhos traçados, as raças atuais, diferentes em hábitos, lingua, etc.

O caminho das trundas, pelo estreito de Bhering conduziu á America, e al originou o caminho dos lagos, Bering e os ventos do norte, dando lugar ao advento do tipo pele vermelha. O caminho das florestas, para a America do Sul, deu os tipos dos Incas e dos Aztecas e sua civilização, tendo o caminho das trundas dado lugar ao tipo esquimá, paralelamente.

No norte da Europa, formou-se o tipo Lapões e dos Fineses. O caminho das planicies russas dá-nos o tipo dos norte-eslavos e sul-eslavos. Forma-se ainda na Europa, o tipo germanico, e sua esgalha de tribos, como os agentes de diversificação.

Do planalto de Pamir, na Asia, por uma necessidade de expansão, os Arianos se espalharam pelas diversas partes do globo, originando, plos caminhos traçados, as raças atuais, diferentes em hábitos, lingua, etc.

Assim, em meios diferentes, sob condições variabilissimas de clima, acudados por necessidades multipias e variadas, as linguas se extremaram, adquirindo modalidades infinitas, formou-se a lingua di- versas, nasceram as 5,860 linguas e dialetos, consoante o aserto de Balbi, em que entramos, os brazileiros, com o contingente de nossos dialetos: brazilo-guyanense, brazilo-castelhano e idiolaleto centrais, sem contar os codialeto fronteiriços, na opinião abalissada de Maximilino Maciel.

Assim, antes de atingirem um grau elevado de perfeição, as linguas, passaram, segundo Max Müller, por tres fases successivas: embrionaria, sintetica e analitica. Na primeira fase, embrionaria ou patognomica, as palavras revestem-se de um caracter de monossilabos, que constituem as "raizes", — "elemento primordial das linguas". O periodo sintetico é aquele em que as raizes se aglutinam e constituem um sistema morfológico, como o sanscritto, o grego e o latim.

Na fase analitica, expressões sinteticas como "rosa pueri" (a rosa de creança) se desdobram, havendo predominancia da preposição nas relações das palavras entre si, como a ordem direta sobrepuja a ordem inversa, na estrutura da oração.

A cada uma dessas fases correspondem grupos morfológicos, isto é, grupos de linguas reunidas por suas caracteristicas. Esses grupos morfológicos são: o monossilabico (linguas monossilabicas ou "solantes), no qual as palavras meros monossilabos, correspondendo a uma ideia unica ou a muitas simultaneamente, sendo o ponto de partida das linguas atuais.

No grupo aglutinativo raizes se congregam para formar a palavra, tendo apenas significação quando irmanadas; no grupo flexivo, os elementos que se aglutinam se flexionam, constituindo as flexões os exponentes de numero, genero, etc.

Das linguas monossilabicas temos exemplos no chinês, no anamita, siames e ti-

betano. Das aglutinativas são caracteristicas o hoteitote-hormane, malio-pontesico e urlo-simico; das flexivas, o indo-europeu e o semitico.

Do indo-europeu saíram o ramo acético e o europeu, dando este ultimo os subramos helénico, celtico, etc., e o italiano, de que derivaram as linguas neolatinas: o portuguez, o hespanhol, o italiano, o rumeno e o retico.

Das linguas monossilabicas a tipica é o vent-tze dos chinezes, sendo elas as que comprovam e corroboram a tese da origem interjeccional da palavra. Grimm diz que essas linguas, como outras tão antigas quanto ellas, são as mais "ricas de harmonia imitativa, vivas de pintoresco e de sonoridade".

Se foste realmente tu o inventor da palavra, ó homem imperfeito, "la plus ex-lamiteuse et fragile des créatures", no dizer de Montaigne, é isto para ti um luminoso titulo de gloria impericel... Rio, 15 de outubro de 1920.

FABIO LUZ FILHO.

Bolchevismo e anarquismo

Preocupados com o desvio que se nota no elemento anarquista na alguns numerários, vem reproduzindo certos documentos que neste sentido encontramos em jornais anarquistas ou que nos são enviados por camaradas de reconhecida confiança. Para o proximo numero daremos aos nossos leitores uma carta do camarada Pierre Ramus que em Viena publica um jornal anarquista.

Da "Comuna", do Porto, extrairamos o relato de um interessante episodio da vida do anarquista e retemperado revolucionario Macno.

Estamos de pleno accordo com Macno: como revolucionarios podemos, na luta contra os capitalistas, aliar-nos aos bolchevistas, mas nunca por afinidades de ideias.

Eis o que nos diz "A Comuna" sobre o anarquista Macno:

A revista russa "Kommunist", publicou um interessante artigo acerca na vida e accão revolucionaria do valioso anarquista Macno.

Muitas das informações que sobre Macno nos dá "Kommunist" já foram publicadas em um dos primeiros numeros de "A Comuna". Ha porém um pormenor interessante que convém registrar, porque ele define claramente a firmeza de caracter de Macno: "Num periodo da luta em que as forças de Macno sofriam rudes golpes, os maximalistas esqueceram-se do seu maior e verdadeiro inimigo, o general Grigoriev. Antigo official de cosacos, Grigoriev tomava parte na frente Ukrainiana, mas, com a queda de esta, uniu-se aos bolchevistas que o encarregaram de limpar as costas do Mar Negro dos exercitos da Entente.

Porém, como bom official czarista que era, não estava de todo disposto a partir em exclusivo interesse da Revolução, mas também para os fins pessoais que tinha em vista.

Nomeou-se a si mesmo chefe da Ukraina e dedicou-se a organizar bandos de ladrões, em cuja companhia saqueava e realizava "valds" contra os judeus do sul da Russia.

Informado do conflito entre Macno e os bolchevistas, Grigoriev pensou utilizar os destacamentos de Macno para reforçar a sua autoridade na Ukraina. Com este objetivo convidou Macno a uma conferencia, não suspeitando que, apesar dos sufrimentos que os maximalistas lhe ocasionaram, Macno jamais renunciaria aos seus ideais revolucionarios.

Macno aceitou, e ao chegar ao local de entrevista matou Grigoriev, pondo fim desta forma á carreira do aventureiro czarista.

NOSSO BALANÇETE

Table with financial data including Entradas, Despesas, and Balanço. Columns include item names and amounts in dollars and cents.

Rifa em beneficio d'"A Plebe"

Conforme estava anunciado, correu sabado, 11 do corrente, a rifa de seis volumes da "Ilustração Portuguesa" em beneficio d'"A Plebe".

A sorte coube ao n. 611. O premio acima encontra-se em nossa redação ao dispôr de quem apresentar esse numero.

Aos companheiros que ainda têm em seu poder importancias desta rifa, pedimos apresentarem contas com a brevidade possivel, afim de que o possamos fazer nós tambem.

A NOSSA BIBLIOTECA

Table listing books and their prices. Columns include book titles and prices in dollars and cents.

Vertical text on the right edge of the page, possibly a page number or date indicator.